

PEDRO ANDRADE

pjoandrade@gmail.com

**Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
(CECS), Universidade do Minho, Portugal**

EXTRODUÇÃO: UMA CONFIGURAÇÃO EMERGENTE DE ESCRITA SOCIOLÓGICA

RESUMO

Este capítulo apresenta a ideia de extrodução, uma inédita figura/atitude de escrita sociológica em rede. Consiste num texto escrito por um autor que dialoga com os primeiros autores ou editores de uma obra, não fisicamente no exterior da obra, mas no interior do seu texto. A extrodução não introduz ou apresenta a obra, mas extroduz esse texto. Um exemplo de extrodução é uma conversa escrita com uma obra, onde o autor da extrodução (isto é, o extradutor) se inclui. O extrodutor não se confunde com um revisor ou um crítico, cujo texto se pronuncia sobre uma obra já terminada/publicada. Concretamente, aqui existem dois autores-personagens de escrita: o livro (que inclui implicitamente os seus primeiros autores) e o extrodutor, o segundo autor (externo/interno), que comenta as ideias dos primeiros autores ou autores internos, eventualmente comparando-as com as suas próprias perspectivas. Nesta ótica e ética híbridas, são discutidos os seguintes conceitos: eco(socio)logia da individuação, individuação estável, transdução, pessoa pós-moderna, omni/plurimodernidades, sociedade da investigação, inter-panoptismo, cibertempo, pré/pós-livro, texto pós-seminal, hibrimédia, hibridologia, saber-dados, transcotomias, alfabeto de relações sociais, sociologia da citação, metodologia geoneológica.

PALAVRAS-CHAVE

escrita sociológica em rede; extrodução; autores interno/externo/
personagem; pós-livro; hibridologia

INTRODUÇÃO À EXTRODUÇÃO

A *eco(socio)logia da individuação* aqui presente e oferecida ao leitor por José Pinheiro Neves e Pedro Rodrigues Costa (2020) constitui uma postura crítica que questiona as certezas adquiridas da Sociologia convencional ou convencionada, legítima ou legitimada. Em termos epistemológicos, a *eco(socio)logia da individuação* utiliza heurísticas, hermenêuticas, ontologias ou outras metodologias do desassossego, que poderão conduzir à descoberta e partilha de conhecimento, de um saber se não Nobel, pelo menos novel, em novelo. Trata-se de um posicionamento ainda algo desconhecido e muito menos reconhecido.

A *eco(socio)logia da individuação* é uma das posturas de flexão social e de reflexão sociológica que não se esgota no próprio social atual, convencido e convencional. Pelo contrário, visa estabelecer o diálogo com outras perspectivas sociais e sociológicas diferentes, e por vezes dissidentes.

Um dos campos de ação e crítica destas ações e sociologias transgressivas, e por vezes progressistas, é a própria *escrita sociológica*. No seu seio, é preciso questionar o próprio modo de fazer e escrever Sociologia, tanto nos seus conceitos, quanto na sua metodologia.

Para tal, algumas destas sociologias circunscrevem-se como sociologias dialógicas, no sentido do dialogismo delineado por Mikhail Bakhtine ou por Paulo Freire. Outras assumem-se mesmo enquanto *a-sociologias*. As sociologias dialógicas incidem profundamente não apenas no diálogo entre indivíduos, mas, para além de outras dimensões, investem na articulação entre o indivíduo e o social, entre o interior e o exterior do ator, entre a razão e a desrazão, entre o global e o local, entre o mesmo e o diferente. Como se verá, pretende-se, antes de mais, uma superação das dicotomias redutoras e de outras relações alienantes do pensamento e da escrita sociológicos.

Assim sendo, nesta dialética entre *in* e *out*, e no seio de um experimentalismo sociológico ainda a definir, propõe-se aqui um instrumento de escrita não somente sociológica, mas textual em geral, que prolonga o conceito de *paratexto* forjado por Gerard Genette. Para este autor, o paratexto consiste no conjunto de instrumentos comunicativos e textuais que introduz um texto ao seu leitor, como o prefácio, o resumo, o sumário, os vários tipos de indexes, etc. Dito de outro modo, o paratexto funciona como um pretexto, um pré-texto, um cartão de visita ou um aperitivo do texto “principal”.

O novo tipo de paratexto que aqui sugiro, em vista ao diálogo com os autores desta obra, é a *extrodução*. Trata-se de uma inédita figura e atitude

de escrita sociológica, coletiva e em rede. A escrita sociológica, hoje em intensa transformação, aplica-se não apenas à investigação, mas igualmente ao *e-learning* (Andrade, 2005). De um modo semelhante à lógica da individualização, a extrodução baseia-se na articulação entre o interno e o externo ao indivíduo. Parece-me que uma tal postura de ligação entre o exógeno e o endógeno é transportada, por ambas as perspetivas, para a própria produção de saber sociológico, que se pretende heurísticamente inovador. No caso da extrodução, isso ocorre especificamente através de um *texto pós-seminal* em diálogo direto com o *texto seminal* ou originário de uma obra, mas desvelando-se ambos, por vezes, como originais ou inovadores. Ou seja, ambos podem cultivar um dialogismo ou modo dialógico diferente de outros textos mais comuns. Concretamente e de preferência, num livro, a extrodução coloca-se antes ou logo depois da Introdução, ou então no final do livro, ou ainda como anexo. Mas a extrodução pode ser praticada igualmente por múltiplos atores sociais. Por exemplo, numa rede social, a extrodução insere-se em qualquer lado do ciberespaço e do cibertempo. Repare-se que o cibertempo se define como o conjunto de temporalidades que um utilizador convoca nos cursos (tempos) dos seus percursos (espaços) através do ciberespaço (Andrade, 1996, 1997b).

Por outras palavras, a extrodução desvela-se enquanto universo implícito e inconsciente, escuro mas não obscuro, da introdução e de outras partes de um livro, uma espécie de *buraco negro da escrita* em geral e da escrita sociológica em particular.

Com efeito, a extrodução comunica reticularmente com todo o texto de uma obra escrita, mas dialoga, em especial:

- por um lado, com as *secções paratextuais* do texto, nomeadamente os indexes e os glossários. De facto, como os paratextos precedentes, a extrodução funda-se, essencialmente, pré-visão e explicitação dos principais conceitos apresentados num texto, para melhor fazê-los falar com outros conceitos circulantes no mesmo campo sócio-semântico ou noutras campos sócio-semânticos ligados em rede aos primeiros, desde logo aqueles conceitos produzidos pelo autor da extrodução. Daí que, numa extrodução, também se inclua uma bibliografia (cf. p. 96), que permite consultar, em pormenor, as ideias do autor da extrodução;
- por outro lado, a extrodução dialoga com as *áreas metainformativas do texto* ou meta-textos (ainda de acordo com Genette, 1995), como a introdução e a conclusão de uma obra. Por exemplo, *a priori*, a introdução de um livro é o lugar onde se anunciam e enunciam, estruturalmente, aquilo que se pretende desenvolver e alcançar na obra. Por

exemplo, os objetivos e os objetos teóricos e empíricos, as teorias, os conceitos, as questões, as hipóteses, os métodos e técnicas, os princípios argumentativos de um texto, etc. Por sua vez, a posteriori, a conclusão autoavalia o itinerário da retórica e demonstração de ideias e teses pelo autor numa dada obra, e propõe pistas de desenvolvimento futuro, por este autor ou por outros.

Ou seja, onde a introdução e a conclusão se referem mais aos aspetos internos de construção do livro, em especial à visão dos autores, se bem que obviamente a partir do real exógeno, a extrodução discorre a partir de um posicionamento, em grande parte, exterior à obra. Não sendo o extrodutor um autor do texto principal, assume-se enquanto *voz off* que se distingue igualmente do narrador, do *reviewer*, do *referee*, ou de qualquer outra voz externa ao autor. Contudo, também se integra parcialmente numa obra, porque, tal como um prefaciador, aparece fisicamente inserido no livro concreto e material.

Daí que a extrodução se desvele, antes de mais, enquanto “versão beta” de qualquer crítica cultural ou social credível a um texto. De facto, existe um *pré-livro* fundado ou exemplificado nos planos e esboços teóricos e metodológicos de uma obra escrita.

Todavia emerge sempre, ligado em rede ao *pré-livro*, e após o nascimento de um livro, uma espécie de *pós-livro*, aquela obra fragmentária e fragmentada feita de *reviews* ou recensões críticas de um texto por parte de alguns dos seus leitores especializados, como um jornalista, um investigador ou um revisor (mais ou menos) perito.

A extrodução, inserindo-se, física e virtualmente no livro, executa precisamente uma das mediações possíveis entre ambos o *pré-livro* e o *pós-livro*. Assim fazendo, esta espécie cultural e textual híbrida situa-se a meio caminho entre o livro e o não-livro. A propósito, o não-livro não é aquilo que precede o livro, o que constitui tarefa do *pré-livro*. Também não se confunde com aquilo que se sucede ao livro, que coincide com o talento do *pós-livro*. Pelo contrário, o não-livro excede o livro, é tudo aquilo que o livro não é, mas que se encontra ainda em ligação com ele. Não de um modo apenas diacrónico, como no processo reticular que conecta o *pré-livro* ao livro e ao *pós-livro*. Mas igualmente no seio de um *espaço-tempo social sincrónico e interdimensional*, articulado àquele processo diacrónico. Assim sendo, o estatuto e natureza da própria ligação entre os atores sociais da leitura e da escrita mudam: a ligação textual e livresca não se revela um legado dinossáurico, mas ela mesma desdobra-se num conjunto de conexões reticulares e de relações sociais constantemente ligadas e desligadas, em redes, meta-redes e outras figuras reticulares complexas.

Para além disso, o extrodutor também não dialoga com o livro num prisma de citação de extratos do texto ao qual se refere. Afinal, a extrodução não cita, mas in-cita a um texto, tanto quanto ex-cita em relação a esse texto. Aliás, a este propósito, existe ainda uma *Sociologia da citação* a edificar (Andrade, 1999a).

Nesta ótica, em seguida iremos expor alguns comentários aos principais conceitos e ideias do presente livro, numa postura *in* (dentro do livro, na sua extrodução), mas também *out*, visto que não nos assumimos nem como coautores, nem enquanto prefaciadores, nem como outras figuras tradicionais de colaborador de um livro, mas apenas nos situamos na figura de extrodutor do livro, que entabulará um diálogo *sui generis* com os autores da obra, no seu próprio seio, em tempo real e não diferido, como se de um chat se tratasse, uma rede social ou um telefonema escrito. Nesta figura virtual de conversa ou conversa-ação nunca dantes vista, mas herdeira do diálogo socrático, o extrodutor constituirá o livro que “extroduz” como um ator virtual ou avatar textual, com o qual estabelece uma ligação simultaneamente sociológica e ficcional. Ao fazê-lo, engendra uma figura específica da individuação, ou seja, a mediação ou *hibridação* que consiste na *atorização* dos autores do livro. O autor, que se origina num ator económico, político e cultural, transmuta-se agora em novo ator. Por outras palavras, os autores sociológicos desta obra, para além de serem atores sociais, hibridizam-se com um ator virtual, a personagem “livro”, através da extrodução, como se verá já a seguir. Assim sendo, a extrodução desvela-se enquanto *inter-escrita* inerente ao *inter-escrito*. Define-se o inter-escrito como sendo o texto de mediação híbrida entre as várias modalidades de texto escrito em interação pelos autores envolvidos. Dito de outro modo, a inter-escrita é a prática, e o inter-escrito é o resultado dessa prática.

Neste fluxo de ligações, conectam-se assim os atores sociais com os inter-tradutores dos sentidos (“sentido” entendido na dupla conotação de “significado” e “perceção”) que os primeiros agentes de escrita produzem. Um destes inter-tradutores é o sociólogo ou sociólogos autores deste livro, um outro será o extrodutor, na medida em que, através da extrodução, todos sugerem uma *extradução*. A extradução entende-se enquanto a tradução de sentidos (perceções) dirigidos no sentido (significado) de um espaço social e cultural externalizador da obra, isto é, o espaço público de discussão coletiva na *polis*.

COMO EXTRODUZIR ESTE LIVRO

O extradutor diz: tu, livro editado por José Pinheiro Neves e Pedro Rodrigues Costa, entre outros, introduzes, e por esse meio também contribuis para extroduzir, algumas ideias inovadoras, seja por mérito próprio, seja na medida em que aplicas sagazmente intuições anteriores prolíficas. Apenas mencionarei aqui alguns traços de alguns dos trechos deste texto, nomeadamente aqueles que parecem poder ser mais proficuamente externalizados na forma de novos comentários, recensões críticas, referências, etc., vindos de diversos segmentos de leitores. Alguns destes leitores-autores são profissionais da crítica jornalística, outros incluem-se entre os agentes da hermenêutica sociológica, ainda outros constituem-se como guardiões da organização biblioteconómica, e ainda, por último, mas não menos importante, emergem os meros cidadãos leitores do livro, também eles escreventes potenciais. A extrodução consiste em fazer um apelo possível que contribua para a discussão e para o debate de uma obra no espaço público, físico ou virtual. Seguindo esta ordem de ideias, não irei “citar” textualmente partes do livro, embora a citação de um texto seja interessante em certas ocasiões, como por exemplo nos casos em que se dá a voz na primeira pessoa a um autor. Com efeito, aqui, neste breve trecho extrodutório, citar literalmente seria apenas uma forma de recitar, na sua sub-forma de re-citar até à náusea.

Livro: uma das questões que coloco é a articulação entre a modernidade e a pós-modernidade. Sublinho enfaticamente que não se discute esse desassossego em pormenor. Apenas afloram no meu texto algumas ideias centrais quanto a este assunto. Uma delas é a seguinte: no mundo atual pós-moderno, *a individuação estável* e as ligações bem definidas tendem a desaparecer.

Extradutor: de acordo. Michel Foucault e outros autores insistem, intensa e extensivamente, de forma brilhante, nas transformações da subjetividade, do corpo, da sexualidade, etc., no quadro de um crepúsculo da modernidade. No entanto, talvez esta instabilidade de ligações sociais tenha a ver com uma certa indefinição generalizada que ocorre ao nível da análise. Esse facto ocorre em alguns autores de forma mais destacada do que em outros. No meu modesto entender, não acredito na veracidade total das grandes narrativas, nem subscrevo completamente a pós-modernidade. Na verdade, poder-se-ia mesmo dizer que, em termos de relações entre eras genealógicas do mundo ou no seu interior, a oposição, por parte da pós-modernidade, às dicotomias dominantes na modernidade, é ela mesma uma dicotomia. Dessa circunstância resulta que, visando superar

as contradições da era moderna, a idade pós-moderna contradiz-se a si própria. Com efeito, no que se refere às ligações possíveis que se podem estabelecer entre idades planetárias, a natureza exclusiva da oposição “moderno/pós-moderno” pode e deve ser questionada.

Quero com isto defender que não ocorre necessariamente apenas uma única modernidade na história, nem só uma pós-modernidade, mas uma sucessão delas, em séries múltiplas. O que parece também existir, a meu ver, são *intermodernidades*, ou seja, figuras mediadoras e híbridas, de nível mais geral do que as anteriores idades da História que ligam certos paradigmas da modernidade e da pós-modernidade entre si. Um destes paradigmas é a *meta-modernidade* ou *omnimodernidade*, que vai constituir o caso geral da modernidade. Nela, para lá de outros atributos, prevalecem o racionalismo, as preocupações holísticas e as “grandes narrativas”. Dito de outro modo, a era moderna ou era clássica ocidental constitui-se, tão-só, como um dos casos históricos possíveis e concretos no seio daquele modelo *omnimoderno*.

Um segundo paradigma abrangente é forjado pelas *plurimodernidades*, “caracterizadas, em grande parte, pela diversidade eclética das atividades e de discursos e pela promoção das linguagens do desejo. Um exemplo disso é a pós-modernidade tal como Lyotard a entende e algumas pré-modernidades” (Andrade, 1997a, p. 12).

Livro: outras ideias e outros conceitos importantes que sublinho vão no seguinte sentido: face ao esgotamento das promessas da modernidade existe, fruto disso mesmo, uma *pessoa pós-moderna*. Essa pessoa busca uma nova individuação fundada em ações de experimentação de espaços e tempos nunca antes vistos, busca experiência através da vagabundagem, por meio da fusão em novas tribos, caracteriza-se numa mescla de hibridações inéditas entre o humano e o tecnológico, entre muitos outros desejos anteriormente asfixiados, negados, reprimidos e oprimidos.

Extrodutor: sim, revelam-se pertinentes essas figuras da individuação, estando elas devidamente conectadas, seja com a vagabundagem, seja com o neotribalismo, como bem refere a abordagem de Michel Maffesoli (1987, 2001, 2006, 2010). Tais figuras podem também estar ligadas com as novas excursões e incursões modernas sublinhadas brilhantemente por Georg Simmel, onde, por vezes, transparecem traços da pós-modernidade (Weinstein & Weinstein, 2010). Também assistimos à individuação muito ligada aos *cyborgs*, um conceito popularizado por Donna Haraway (1990). Neste sentido, podemos acrescentar e fazer referência também à *transdução* enquanto método da individuação, de acordo com Gilbert Simondon (1989). De resto, é possível que existam figuras da individuação infindáveis

ou mesmo incomensuráveis. Por exemplo, além de muitas outras figuras, existe uma possível individuação subjacente à pessoa pós-moderna na chamada *ciberpersonagem*. Esta prática e o respetivo conceito entendem-se como um modo de subjetividade construída no ciberespaço e no ciber tempo, tanto no campo da ficção quanto no continente da não-ficção.

Num tal espaço-tempo virtual emerge ainda uma nova configuração de ciberpersonagem que se dá a revelar no *efeito pessoa*. Este processo consiste na multiplicidade e hibridação de ciberpersonagens ou de personalidades prismáticas que o utilizador da internet pode construir, desconstruir e reconstruir utilizando diferentes identidades em várias caixas de correio eletrónico que ele mesmo detém, ou mesmo noutras locais do ciberespaço e do ciber tempo, como por exemplo as videoconferências. Assim sendo, o infonauta produz *heterónimos virtuais*. O efeito pessoa foi detetado num ensaio escrito acerca de uma problemática nascente nos anos 90 do século XX, nos termos de uma inédita “Sociologia (interdimensional) da internet”, defendida por exemplo em Andrade (1996). Essa reflexão sobre os sistemas de informação já tinha sido precedida em Portugal nos anos 80, quando se caracterizaram os traços distintivos dos sistemas de informação e das redes digitais, de onde emergiu um novo regime de saber, o “saber-dados”, tal como refere Andrade (1985). Note-se que esta intuição teórica foi forjada no seio de uma *hermenêutica das redes digitais*, ainda antes do aparecimento da internet ou no momento da sua emergência. Pode-se afirmar que uma tal concetualização foi anunciada e enunciada mesmo 13 anos antes da tese de Lev Manovich (1998) que define a *database* (base de dados) como o saber característico das redes de informação, de que é exemplo de excelência a internet. É possível igualmente detetar o efeito pessoa no quadro de uma *Sociologia dos congressos digitais* (Andrade, 2003).

Livro: na contemporaneidade, para além das novas experiências almejadas, uma das figuras da mudança consiste na metamorfose do nosso pensamento, reflexão e crítica, através da produção de modos de conhecimento e de ontologias originais ligadas entre si. Algumas destas redes ontológicas são a eco(socio)logia da individuação e a erotologia, que caracterizo amplamente através da convocação de autores clássicos e de outros mais recentes (consultar ainda os diversos capítulos da obra onde se empreende a reflexão sobre as posições de Weber, Tarde, Simmel, Schutz, Pareto, Jung e Simondon, em associação ou no quadro do processo da individuação).

Extrodutor: de facto, decorrentes da desconstrução e da reconstrução do saber atual, assiste-se cada vez mais à construção, transferência

e partilha do conhecimento em figuras inéditas. Assim sendo, acrescentaria a *Hibridologia* a esses saberes e sociologias diferente. A Hibridologia significa um modo heurístico que reflete sobre as entidades híbridas que não só proliferam hoje, como também revelam-se um dos modos constituintes fundamentais de todo o tecido social. O híbrido é o modo de ação e de saber dos interstícios, das redes de relações, dos lugares e entidades possuindo identidades múltiplas, como sucede no “efeito pessoa”.

Na verdade, se nos situamos em algum lado, será na perspetiva de outros saberes ou sociologias parentes da eco(socio)logia da individuação, como a Hibridologia. A hibridação subjaz a quase tudo o que existe, nada é puro, seja na natureza seja na sociedade. O termo “híbrido” origina-se, em parte, no latim *hybrida*, usado para classificar a prole originada no cruzamento de um javali selvagem e de uma porca doméstica. Adquiriu paulatinamente o significado de mistura de duas ou mais coisas de diferente natureza, em vários ramos do saber. Na Biologia, na conceção da própria vida, um filho é um híbrido de duas naturezas, o masculino e o feminino. No social, a mediação é um híbrido de duas entidades polares, sejam elas a sociedade e o indivíduo, o humano e a máquina, ou outras. Nesta ótica, as *teorias mediadoras*, como a própria Sociologia da individuação, revelam-se híbridos de várias teorias polares ou mesmo de várias teorias elas próprias intermediárias. Em particular, no ciberespaço e no cibertempo, para além da blogosfera, existe também hoje a *hibridosfera*. Este espaço virtual imersivo emergente é constituído por sites ou blogues de natureza diferente. Por exemplo, o *Hybrilog* é um blogue experimental publicado em 2006 e edificado a partir não apenas de meios de comunicação diversos relacionados entre si, como num mero sistema de hipermédia, mas também foi construído usando vários blogues de natureza distinta. O resultado é um espaço virtual *sui generis*, caracterizado pela hibridação dos média e não apenas pela simples conexão hipermediática entre eles (Andrade, 2007a). Por outras palavras, o *Hybrilog* significa um *blogue híbrido*, concretamente formado por 6 tipos diferentes de blogue: um *blogue clássico de texto*; outro incluindo vídeos ou *vlog*; um contendo vídeo-poesias ou *pvilog* (= poetry-video-blog); ainda outro reunindo arte digital ou *artblog*; um blogue onde estão inseridas obras em hipermédia ou *hyplog*; e igualmente um *gamelog* exibindo jogos.

Da mesma forma, a própria escrita sociológica adquire um caráter híbrido.

Hoje, fronteiavam-se e confrontam-se dois grandes modos de escrita: as *escritas unívocas* e as *escritas híbridas*. (...) [Ao

contrário das primeiras], as escritas híbridas demandam, assumidamente ou não, a impureza, o contato coincidente com o contrato, a contaminação através da comunicação. Com efeito, as escritas de fusão consideram que estes processos ambíguos (i.e. mestiços) mas também ambíguos que lhes subjazem, tornaram-se hoje, mais do que ontem, o polissêmico estrume das relações sociais. (Andrade, 1999b, p. 8)

Em suma, a *escrita sociológica* poderá enveredar, a curto prazo, por uma *hermenêutica híbrida* que se compreende enquanto modo de interpretação que usa diferentes formas de exegese originárias (iniciais), de natureza diferente ou oposta, e que se fundem entre si numa nova interpretação de natureza original (inovadora).

Livro: como outras ideias e concetualizações centrais, a eco(socio)logia da individuação, entre outros objetivos, pretende capturar as *ressonâncias internas* entendidas como os modos mais primitivos de comunicação entre realidades de ordem diferente, bem como os fluxos entre o interior e o exterior dos indivíduos. E é através dos ecos de tais ressonâncias que a individuação se redistribui no circuito social, segundo a posição dos sujeitos nos espaços e nos tempos da vida, suscitando uma receção de significados diferenciada entre eles.

Extrodutor: de facto, como bem argumentas, existem ressonâncias cujos ecos se refratam incessantemente em todos os becos da sociedade¹. Também concordo com o facto de que estes ecos (que flutuam virtualmente) se podem atualizar nas atividades e nas significações dos indivíduos. Por meu lado, e argumentando, acho que muitas vezes as ressonâncias revelam-se consonâncias, outras vezes mostram-se como dissonâncias aos poderes dominantes. Em vez do pensamento único e das totalidades, os ecos sociais disseminam tonalidades infinitas de significado que esclarecem a ação e o pensamento dos indivíduos.

Nesta área, talvez valha a pena desenvolver futuramente a relação entre, de um lado, tais dissonâncias e os seus ecos sociais com, de outro lado, a análise das sensações ligadas seja aos diversos sentidos percetivos do real (visão, audição, etc.), seja ao sentido ou ao significado substantivo que subjaz às correspondentes relações e interações sociais, tal como Simmel (1989) já entrevia no século XIX.

Por exemplo, alguns ensaios, sobretudo desde os anos 70 até aos anos 90 do século passado, interessaram-se pelo estudo das gustatividades

¹ Ver a este respeito a tese de doutoramento de um dos editores deste livro, Pedro Rodrigues Costa (2013).

sociais, sonoridades sociais, taticidades sociais e visibilidades sociais (Andrade, 1991, 1993, 1994, 1995). As visibilidades em ligação com as *vigilâncias societais* podem entender-se: (a) na conexão entre *dispositivos panópticos, pós-panópticos e inter-panópticos* (Andrade, 2007e), (b) na ligação, à partida improvável, entre, de um lado, as análises de Benjamin sobre as visualidades urbanas, as olhadelas e golpes de vista plenos de pulsões escópicas e, de outro lado, os vislumbamentos e os deslumbamentos, bem possíveis de pressentir e de sentir na web 2.0, como salienta Andrade (2008).

Livro: para além do exposto, a sociologia da individuação coloca em questão alguns dos mais celebrados conceitos da Sociologia, como o social, a estrutura social, a classe social, a identidade, o indivíduo que não se confunde com a individuação. Em particular, muitos sociólogos usaram extensamente as dicotomias e não pensaram os lugares intermédios da sociedade. Pelo contrário, esta eco(socio)logia da individuação privilegia as passagens entre o individual e o coletivo, entre o individual subjetivo e o individual coletivo, entre o coletivo objetivo e o coletivo subjetivo, etc...

Extrodutor: acho essa postura de crítica conceptual muito interessante e produtiva. A Hibridologia também procura desenvolver uma perspetiva de questionamento das teorias e de reconceptualização da Sociologia. Daí que tenha todo o interesse em ligar-se, em rede, com a sociologia da individuação. Nomeadamente, a Hibridologia visa descortinar, no estudo das entidades sociais, as *redes sócio-semânticas* e os respetivos instrumentos da escrita científica que as constituem, como os conceitos e as respetivas relações entre eles.

Quanto aos conceitos, referimos supra o saber-dados. Este é o termo que testemunha um novo modo de conhecimento emergente no seio dos sistemas de informação e do conhecimento atuais. Trata-se de uma espécie de *meta-saber* no qual todos os outros se traduziriam, se subordinariam ou transgrediriam, segundo as diretivas, explícitas ou implícitas, definidas pela ascendente sociedade de informação e do conhecimento, ou pelos seus críticos.

Uma outra figura de saber coevo é a *sobredicotomia*, que procura superar as dicotomias da modernidade através da ligação das dicotomias entre si, em rede. No caso dos sistemas teóricos, a sobredicotomização *das teorias* significa o conjunto de mediações entre teorias polares (macro e microssociologias) ou o regime de intermediações entre as próprias teorias mediadoras (Andrade, 1991, p. 267). A sobredicotomização foi ainda pensada como um dos meios de

sair do impasse da falsa escolha ‘moderno / pós-moderno’ e também, em particular, enquanto meio de superar a *alienigenização* contemporânea, uma figura da alienação que significa o processo de conflitualização, insanável ou talvez não, entre o Mesmo e o Outro, por exemplo, entre as culturas democráticas e os fundamentalismos islâmicos. (Andrade, 1997a, p. 19)

Chegamos assim a

novos paradigmas conceituais que – para além de retomarem as dicotomias originárias das teorias dominantes ou das teorias alternativas, ou ainda do saber ordinário, e em conjugação com elas – as complementam e transformam, trabalhando, frequentemente, como construções teóricas intercalares. Com efeito, enquanto um *conceito mediador* estabelece uma negociação entre dois ou mais conceitos polares, a *relação mediadora* conecta, por sua vez e principalmente, vários conceitos intermediários. Por último, as *redes conceituais mediadoras* reunirão os diversos conjuntos de conceitos e de relações intermediárias. (Andrade, 1991, p. 269)

Uma das características centrais da contemporaneidade inter-moderna é precisamente a possibilidade de construção de teorias das *redes de relações mediadoras* que legitimamente assumem o direito e o dever de crítica, até mesmo de certos conceitos já de si mediadores, como o *habitus* de Bourdieu, que se transmuta, por obra das teorias medianeiras das mediações, em *habitus quotidiano* e *habitus de viagem* (Andrade, 1991, pp. 270-283).

Também se afigura necessário pesquisar as novas constelações não apenas de conceitos, mas também de relações. Nesta ótica, construímos um *alfabeto de relações sociais* (Andrade, 2007b), que procura definir as sócio-lógicas que, em complemento, ou para além das posturas sociológicas tradicionais, são estudadas através de paradigmas concretos visando o entendimento das relações não apenas lógicas, mas igualmente sociais. Para tal, foi preciso mediar e hibridizar vários tipos principais de sistemas lógicos, e adaptá-los à reflexão sociológica. Por exemplo: a lógica analógica (pensamento mágico); a lógica formal (aristotelismo e cartesianismo); a lógica dialética (Heráclito, Hegel e Marx); a lógica booleana (inerente à informática); a lógica *fuzzy* (subjacente à inteligência artificial), etc. De um ponto de vista metodológico e empírico, é possível utilizar este alfabeto socio-lógico, a partir de software adequado, para a análise de conteúdo de textos de entrevistas, histórias de vida, textos literários; etc.

Desenvolvendo esta postura, urge ainda mostrar e demonstrar algumas das cumplicidades e permeabilidades entre as Ciências Sociais e esse conjunto de utensílios experimentais que os computadores e a internet facultam para a pesquisa, que englobaremos no conceito federador “metodologia geoneológica”.

Podemos definir um *método geoneológico* como um processo, meio ou conjunto de procedimentos digitais ou virtuais, essencialmente pragmático e empírico, que visa explorar, experimentar e comunicar a realidade, por forma a possibilitar a compreensão de algum tipo de conhecimento (como a arte, a ciência ou a própria tecnologia).

Para este desiderato, o método geoneológico usa três dimensões centrais, relativas ao espaço, ao tempo e ao logos. Como sabemos, na filosofia grega, a *deixis* consiste numa constelação conceptual que articula o espaço, o tempo e o sujeito das práticas ou do conhecimento. E *logos* significa razão, linguagem, a razão da linguagem, a linguagem da razão e vários outros significados. Nesta perspetiva, e no quadro de vários projetos de investigação, revisitámos a ideia de *logias*, um conceito que deriva de *logos*. Na nossa ótica, as logias entendem-se, em grande parte, como maneiras de ler e de escrever a realidade ou modos de conceptualizar um conhecimento dado, por parte de um determinado sujeito comum ou ator não-especialista, seja ele um indivíduo (por exemplo, um cidadão vulgar) ou um agente coletivo (como um grupo de visitantes de um museu).

Assim sendo, esta ideia de “logias” não se reduz a um mero sufixo da linguagem científica que caracterizaria um dado tipo de saber especializado, como a Sociologia ou a Antropologia. Quando aplicamos aquela metodologia geoneológica aos média digitais ou virtuais ou no interior da internet, é possível desenvolver novas formas de fazer ciência, tecnologia e artes. Uma das razões para esses resultados é o facto de se utilizarem, extensivamente, algumas vantagens do ciberespaço, do cibertempo e das web *logias*, significando estas últimas as logias circulando na internet, como as que são agenciadas por comunidades virtuais ou redes sociais.

Neste contexto, o primeiro instrumento concreto a considerar do método geoneológico é o *Hybrilog*, blogue experimental acima apresentado e que pode ser usado, entre outras múltiplas aplicações, como uma plataforma de pesquisa do social (Andrade, 2007a).

Uma segunda ilustração do método geoneológico é a *novela geoNeoLógica* (Andrade, 2009). A literatura constitui um dispositivo artístico que testemunha e esclarece realidades sociais e culturais, de um modo por vezes surpreendente. Assim sendo, pode constituir um método fiável para

refletir sobre a sociedade em geral, acerca das estruturas sociais como a cultura, a comunicação e a informação, ou no que toca as práticas e aos agentes socioculturais significativos. Concretamente, a novela geoneológica é um tipo experimental de novela que usa narrações e imagens urbanas (fotografias, vídeos, etc.) engendradas por atores sociais comuns, bem como as respetivas geolocalizações (posicionamentos espaciais) e temporalidades quotidianas. Tais espaços-tempos são transportados e interpretados no ciberespaço, através de redes singulares de conceitos, nomeadas *transcotomias* (termo que esclareceremos abaixo), construídas pelo autor deste texto num software próprio. Desta forma, a novela geoneológica propõe uma hermenêutica fenomenológica, simultaneamente narrativa e social, que procura experimentar e interpretar o ambiente sociocultural da web 2.0 e, por inerência, as nossas sociedades. Assim sendo, estas últimas não se apresentam hoje tanto como sociedades pós-metodológicas, mas essencialmente enquanto *sociedades geoneológicas*.

Terceiro exemplo de método geoneológico: o *questionário interativo multitouch*. Esta abordagem foi desenvolvida em 2010 e foi aplicada na exposição da artista Joana Vasconcelos no Museu Berardo, que decorreu de 1 de março a 18 de maio desse ano. Trata-se do primeiro questionário sociológico realizado em Portugal ativado através do toque por um público amplo, numa mesa interativa *multitouch*. Já em junho de 1995, tínhamos planeado e construído um *ciberquestionário* na internet, na página da Associação Atalaia. Esta página foi reconhecida pela revista *cyber.net*, no seu fascículo de setembro de 1995, como a primeira página da web sugerindo um projeto cultural explícito em Portugal.

Um quarto caso concreto de aplicação do método geoneológico é o seguinte: na mesa *multitouch* localizada no Museu Coleção Berardo, também se instalou um *jogo das tricotomias* (Andrade, 2010). As *tricotomias* são redes de sentido compostas por três conceitos, ideias ou outras entidades sócio-reflexivas associados entre si. Estas redes conceptuais podem ser relacionadas através do seu conteúdo ou pela sua forma. Os conceitos existentes nestas redes podem ser eruditos ou então *folksonomias* (isto é, coleções de termos inventados por pessoas comuns). As *tricotomias* constituem casos particulares das *transcotomias*. Por sua vez, as *transcotomias* entendem-se enquanto “constelações” conceptuais, no sentido de Walter Benjamin (2007). Na idade da web 2.0, as *transcotomias* superam, em número de conceitos associados, mas também, e essencialmente no seu sentido, tanto as dicotomias quanto as taxonomias, estas duas últimas representando as figuras de relações conceptuais dominantes na modernidade.

Para mais detalhes sobre os vários tipos de transcotomias, como as *fuzzy-cotomias* e as *hibricotomias*, consultar Andrade (2007d).

No referido jogo das tricotomias, o visitante do museu, usando uma mesa interativa *multitouch*, seleciona três obras de um artista plástico, relacionando-as entre si seja pelo conteúdo ou através da forma, e deposita-as num *triângulo tricotómico*. Ganha o jogo quem conseguir encontrar mais relações entre as obras de arte num lapso de tempo mais curto. Esta metodologia pode aplicar-se a qualquer fonte sociológica, seja ela textual, icónica, sonora, em suporte video, ou em realidades virtual e aumentada.

Nesta perspetiva, a Hibridologia entende-se como uma heurística interfusional, fundada na fusigação (*fusigation*), um conceito mediador ou híbrido conceptual que opera a conexão entre a fusão e a ligação. Não existem conexões sem as redes que as contextualizam. Assim sendo, não existem apenas *links*, mas igualmente *fusilinks*. O *fusilinking* é uma das operações de base das novas redes sociais que são, entre outras coisas, redes sócio-semânticas, ou seja, aquelas que estabelecem tanto relações sociais quanto relações de significado.

De tudo o que se dialogou acima, decorre uma das principais conclusões provisórias para entender o carácter profundamente inovador da nossa contemporaneidade. A atualidade desvela-se, não tanto como “sociedade da informação”, nem apenas enquanto “sociedade do conhecimento”, nem mesmo tão-só como “sociedade em rede”, mas, para além disso, sobretudo enquanto *sociedade da investigação*. “Alguns efeitos desta conjuntura comunicativa são a emergência do *cidadão-investigador*, do *cidadão-jornalista* e da *sociedade do jornalismo e da investigação*” (Andrade, 2007c, p. 307). Tais atores sociais emergentes mostram-se “sérios concorrentes dos jornalistas e dos investigadores universitários sérios” (Andrade, 2007c, p. 308). Com efeito, alguns populares “dispositivos sóciodiscursivos (...) (internet móvel, social software, social *bookmarking*, etc.), contribuem, a meu ver, para a edificação de uma *cidadania de investigação* e de uma *cidadania jornalística*, possíveis de praticar pelos cidadãos comuns e não apenas no seio de um meio académico ou jornalístico” (Andrade, 2007c, p. 310). De facto, após a pesquisa, catalogação, indexação, análise, interpelação e partilha da informação no ciberespaço, em suportes hipermédia, metamédia ou hibrimédia, o infonauta vulgar pode usar os novos conteúdos produzidos coletivamente em linha, para a escrita de inéditas mensagens, por exemplo a emissão de opiniões mais avisadas sobre a sociedade em rede (Castells, 2009) que o produziu ou que é por ele reconstruída e desconstruída (Andrade, 2007c, pp. 307-311).

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é apoiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.

REFERÊNCIAS

- Andrade, P. (1985). Para uma Sociologia da documentação: sensibilização à necessidade da sua construção. In Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (Eds.), *Actas do 1º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas 'A informação em tempo de mudança'* (pp. 421-450). Lisboa: BAD.
- Andrade, P. (1991). A taberna mediática, local reticular de negociações sociais e sociológicas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 33, 265-286.
- Andrade, P. (1993). As sonoridades sociais. In *Actas do 2º Congresso Português de Sociologia* (pp. 82-105). Lisboa: Fragmentos.
- Andrade, P. (1994). As tactilidades sociais: mediações sensitivas de vida e/ou de reflexão? In *Actas do World Leisure Congress 92 'New Routes for Leisure'* (pp.111-130). Lisboa: UNL.
- Andrade, P. (1995). A negociação do visível: as visibilidades sociais enquanto objecto teórico ilustrativo da Sociologia interdimensional e mediadora- I. *Atalaia*, 1(2), 73-93.
- Andrade, P. (1996). Sociologia (interdimensional) da internet. In *Actas do 3º Congresso Português de Sociologia*. Lisboa: APS. Retirado de https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR492d7e3049471_1.pdf
- Andrade, P. (1997a). Sociologia da intolerância: ou como transformar a sociedade no terceiro milénio. *Atalaia*, 3, 9-20.
- Andrade, P. (1997b). Navegações no cibertempo: viagens virtuais e virtualidades da ciberviagem. *Atalaia*, 3, 111-124.
- Andrade, P. (1999a). Da referenciação como referência em acção: para uma Sociologia da citação. *Atalaia*, 5, 83-101.
- Andrade, P. (1999b). A unidade e a hibridação das escritas. *Atalaia*, 5, 7-13.
- Andrade, P. (2003, maio). *O efeito pessoa e a Sociologia dos congressos digitais*. Comunicação apresentada no V Colóquio Internacional “Discursos e práticas alquímicas”, Lisboa.

- Andrade, P. (2005). Sociologia do e-learning: uma análise de escrita sociológica. In A. Fidalgo; F. Ramos; J. P. Oliveira & Ó. Mealha (Eds.), *Livro de Actas 4.º Sopcom: Repensar os Media: novos contextos da Comunicação e da Informação* (pp. 425-434). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Andrade, P. (2007a). Sociologia da blogosfera: figurações do humano e do social em blogs e hibrilogs. *Comunicação e Sociedade*, 12, 51-65. [https://doi.org/10.17231/comsoc.12\(2007\).1096](https://doi.org/10.17231/comsoc.12(2007).1096)
- Andrade, P. (2007b). O alfabeto de relações universais (ARU). *Comunicação e Linguagens*, 38, 143-155.
- Andrade, P. (2007c). A sociedade da investigação e do jornalismo: boas práticas de cidadania participativa através da internet móvel e do social bookmarking. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 5, 307-312.
- Andrade, P. (2007d, dezembro). *Imagem e web 2.0: algumas redes sócio-conceptuais mediadoras da Wikipédia*. Comunicação apresentada na Conferência Internacional “Imagem e Pensamento”, Lisboa.
- Andrade, P. (2007e). Visibilidades artísticas e vigilâncias quotidianas: arte e sociologia no contexto dos dispositivos pós-panópticos e inter-panópticos. *Comunicação e Linguagens*, 37, 91-107.
- Andrade, P. (2008, março). *Visibilidades/vigilâncias digitais e aura virtual: Walter Benjamin na web 2.0*. Comunicação apresentada na Conferência Internacional Walter Benjamin, Lisboa.
- Andrade, P. (2009, agosto). *Escrita, hipertexto e literatura na sociedade de investigação*. Comunicação apresentada na Acta Media 7º Simpósio Internacional de ArteMedia e Linguagens Digitais: Imagens e culturas nas práticas híbridadas, São Paulo.
- Andrade, P. (2010). *Geoneologic web 2.0 methods for experimentation in Art and Sociology*. Comunicação apresentada na International Visual Sociological Association 2010, Thinking, Doing and Presenting Visual Research: The State of the Field, Bolonha.
- Benjamin, W. (2007). *Walter Benjamin's archive: images, texts, signs*. Londres: Verso.
- Castells, M. (2009). *Communication power*. Oxford: Oxford University Press.
- Costa, P. R. (2013). *Entre o ver e o olhar: ecos e ressonâncias ecrânicas*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/24492>
- Genette, G. (1995). *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega.

- Haraway, D. (1990). *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature*. Londres: Routledge.
- Maffesoli, M. (1987). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Maffesoli, M. (2001). *O eterno instante. O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Maffesoli, M. (2006). *Du nomadisme vagabondages initiatiqes*. Paris: Éditions de La Table Ronde.
- Maffesoli, M. (2010). *Matrimonium: petit traité d'écologie*. Paris: CNRS.
- Manovich, L. (1998). *Database as a symbolic form*. Cambridge: MIT Press.
- Neves, J. P. & Costa, P. R. (2020). Eu sou tu. Uma ecossociologia da individuação. In J. P. Neves; P. R. Costa; P. de V. Mascarenhas; I. T. de Castro & V. R. Salgado (Eds.), *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* (pp. 25-48). Braga: CECS.
- Simmel, G. (1989). Philosophie des Geldes. In G. Simmel, *Gesamtausgabe, vol. 6*. Frankfurt, Main: Suhrkamp.
- Simondon, G. (1989). *L'individuation psychique et collective*. Paris: Aubier.
- Weinstein, D. & Weinstein, M. (2010). *Postmodernized Simmel*. Londres: Routledge.

Citação:

Andrade, P. (2020). Extrodução: uma configuração emergente de escrita sociológica. In J. P. Neves; P. R. Costa; P. de V. Mascarenhas; I. T. de Castro & V. R. Salgado (Eds.), *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* (pp. 81-98). Braga: CECS.